



+E

Tablet vs. canivete



Numa sociedade cada vez mais sujeita àquilo a que um especialista chama “pandemia do medo”, professores, psicólogos e pais explicam porque é fundamental deixar as crianças correr riscos

TEXTOS JOANA STICHINI VILELA ILUSTRAÇÕES ALEX GOZBLAU

N

a extensa escala de terrores que assombram os pais modernos existem poucas coisas piores do que a ideia de ver um filho sofrer. É por isso natural que uma pergunta como, “mãe, posso ter um canivete” provoque num progenitor desprevenido um estremecimento da nuca aos pés. Até é provável que, nesta forma económica que os miúdos agora têm de falar, o pedido surja com um verbo a menos, “posso um canivete?” A elipse ideal para dar asas a alguns dos nossos mais íntimos receios: “arranhar-me”, “cortar-me”, “mutilar-me”. “Posso?” Aqui chegados, como qualquer pai ou mãe de uma criança de seis anos sabe, só existe uma saída: empatar.

Na verdade, havia ao dispor uma resposta clara e simples: “Não.” Mas não era essa a mensagem que queria passar ao meu filho, quando, há poucas semanas, me interpelou no caminho para casa. Porque, sim, este dilema baseia-se, como se costuma dizer, em factos reais. Aliás, quando a tentar ganhar tempo lancei um “para quê?”, já intuía que situação suscitara aquele pedido sem precedentes. “Para afiar paus, como o Nicolau.”

Tínhamos estado os dois a observá-lo no relvado junto à escola, o mesmo espaço onde a garotada gasta mais algumas energias ao final do dia antes de recolher aos seus apartamentos lisboetas. De joelhos, com uma perícia admirável, sob o olhar intrigado de outras crianças e adultos, o miúdo de cinco anos descascava um ramo de aloendro a golpes de canivete suíço.

Mais tarde, já em conversa com a mãe, Joana Gama, 42 anos, ficaria a saber que os canivetes fazem parte das paixões do lado paterno da família. Sempre houve “um ou dois” na gaveta da cozinha. A tradutora jurídica nem percebe bem como começaram os filhos a usá-los. “A mim também me faz confusão. Sou uma pessoa que vê os perigos”, explicou. “Mas, apesar do medo, não consigo achar benéfico impedi-los e então tento que os usem da forma mais segura possível.” Ou seja, há regras: o movimento de corte é sempre para longe do corpo, não podem correr com eles na mão nem ir buscar um sem avisar. E alguma vez se magoaram? “Nunca.”

Embora tranquilizadoras, as respostas incluíram outras agravantes para uma mãe ansiosa. Acontece que o Crocodile Dundee do relvado é o mais novo de seis filhos e costuma alinhar nos planos dos dois outros rapazes, de oito e nove anos. Esta é apenas uma das brincadeiras temerárias em que embarcam sob a vigilância dos pais. A ideia é formativa. “Gostam muito de brincar com velas ao pé da lareira.” Depois de verem um programa televisivo “sobre pessoas que faziam facas mortíferas”, lá estavam eles “a tentar fazer facas mortíferas com paus fendidos e latas de Coca-Cola recortadas.” Uma vez, sem avisar, o mais pequeno pôs-se a fazer ovos mexidos sozinho. Tinha três anos. A mãe tirou uma foto, postou na conta de Instagram onde costuma partilhar referências sobre pedagogia, e comentou, “a técnica de partir ovos ainda está em aperfeiçoamento. :)”

Há experiências fundamentais para as crianças aprenderem a gerir o medo que, com a evolução das sociedades ocidentais, estão a desaparecer

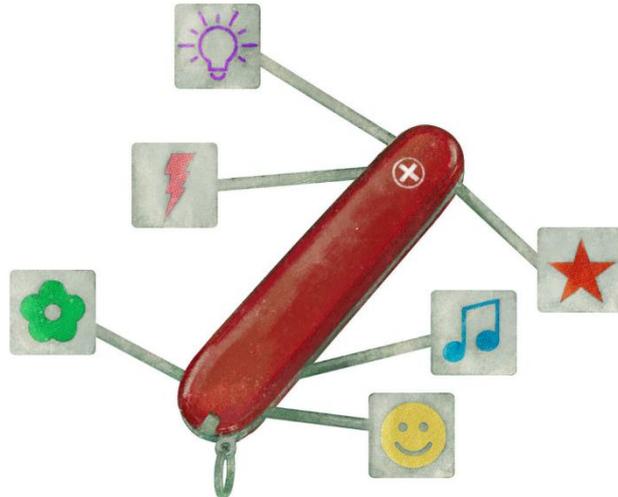
Na verdade, todas estas atividades se incluem naquilo a que a especialista norueguesa em jogo e motricidade infantil Ellen Sandseter apelida de “jogo arriscado” (*risky play*). Defende que estas são experiências fundamentais para aprender a gerir o medo e que, com a evolução das sociedades ocidentais, estão a desaparecer. Entre as seis categorias, encontram-se coisas como “grandes alturas”, “ferramentas perigosas” e “elementos perigosos”. Também Joana Gama fala em aprendizagem. “Tem de haver uma exposição controlada ao risco, adequada à etapa de desenvolvimento. Deixá-los. Claro que com seis filhos é mais fácil, uma pessoa não tem tempo para andar em cima deles.”

A verdade é que, em pequena, também eu tive um canivete. Uma faquinha preta. Não sei bem com que idade, apenas que a comprei com as minhas poupanças e a usava para fazer barquinhos com cascas de pinheiro em intermináveis férias de verão. Lembro-me de sentir algum orgulho nestas conquistas. Eram pequenas aventuras, em dias tão cheios de tédio como de emoção. Por coincidência, também eu sou a mais nova de muitos irmãos. Nessa altura, todos eles felizes proprietários de belas navalhas amarelas — e de cinco dedos intactos em cada mão.

Daí este *glitch* — palavra da moda para “anomalia”, tão desconhecida dos miúdos da década de 80 como outro vocábulo hoje muito em voga — perigo. Por que razão tinha o alarme do meu sistema operativo de mãe disparado face a uma situação que eu tinha vivido sem sobressaltos enquanto filha? Seria um problema do sistema ou do ambiente de trabalho? Teriam os miúdos de hoje perdido capacidades ou os pais ganhado medo?

Depois de 11 anos a trabalhar em contextos de creche e jardim de infância, quatro dos quais na direção de uma IPSS, a psicóloga Ana Passos e Sousa, 39 anos, resolveu criar a Escola Lá Fora. O projeto baseia-se no modelo pedagógico dinamarquês Forest School (Escola da Floresta) em que os miúdos passam o dia inteiro ao ar livre. “As crianças precisam de mais liberdade e de se confrontarem com um contexto natural desafiante”, defende. “Isso, sim, é transformador.”

Este verão decorreram os primeiros campos de férias na Quinta das Conchas, em Lisboa. Desde setembro que um grupo de meninos entre os três e os cinco anos passa ali os dias completos. A mata funciona como se fosse a sala de aulas, com regras bem definidas em relação aos limites do recinto, subir às árvores, paus soltos e ferramentas. Com estas idades ainda não usam facas, mas já brincam com ramos e descascadores de frutas e vegetais.



“Há uma desconstrução do que é brincar”, explica. Mesmo nos campos de férias de uma semana recorda casos de miúdos que chegavam sem se quererem sujar e saíam satisfeitos “com terra até à testa”. A evolução é rapidíssima e a supervisão permanente. “Depende imenso de cada criança, se cresceu com mais ou menos autonomia. Mas se por acaso a vemos a pôr-se em risco temos de intervir logo.” Por outro lado, só a exposição ao risco controlado permite a um petiz perceber os seus limites. “Se não, vai pôr-se em perigo mais tarde.”

E um equilíbrio difícil. Joana Gama fala em tensão, “entre o medo que nós temos e o risco de que precisam”. Depois, há miúdos que têm mais apetência para acidentes do que outros. De cada vez que olho para a cicatriz na barriga do meu filho, recorro em câmara lenta o momento em que há ano e meio o vi cair de uma árvore onde estava empoleirado com os amigos. Ou, usando a terminologia de Ellen Sandseter, onde se encontrava envolvido numa experiência formativa de *risky play*. “Foi uma aprendizagem importante”, assegura Ana Passos e Sousa. A psicóloga faz uma pausa e atalha: “Há risco em tudo. Os pais têm de saber gerir-se. Se ficarem muito aflitos, é como diz o professor Carlos Neto: confiar, olhar para o lado, e contar até dez.” Corta para uma chamada telefónica com este decano da Faculdade de Motricidade Humana, que acaba de lançar o livro “Libertem as Crianças” (Contraponto Editores). “Ai, arranhou-se o menino, foi?”, provoca, jocoso. “Todos nós precisamos de cair. Não há risco zero na Humanidade. Nunca houve. O confronto com o risco é uma forma de perceber os limites e ganhar controlo.” Para sintetizar: “A criança saudável é a criança com joelhos esfolados.”

Professor desde 1976, Carlos Neto, 69 anos, tem vindo a alertar para a imposição daquilo que apelida “pandemia do medo”. Na sua opinião, “o pior vírus que está aí”. Um problema característico do sul da Europa, onde, apesar do “clima magnífico”, se abandonou o contacto com a natureza. A questão dos canivetes, contudo, atravessa fronteiras. E não é unânime.

“Vou contar-lhe um episódio muito engraçado”, arranca. Destino: Hong Kong. Foi lá que num congresso da International Play Association (IPA) assistiu a uma comunicação que dividiu o auditório. Uma japonesa mostrava imagens de crianças de três, quatro e cinco anos a brincar com canivetes e bambu. “Toda a gente ficou perplexa”, lembra. “Muitos especialistas criticaram-na. A outra parte achava que os brinquedos bélicos não faziam mal nenhum; aliás, que faziam bem.”

O uso de canivetes faz parte da cultura portuguesa, desenvolve. “Responde à necessidade ancestral que todos temos de explorar.” O professor acredita que a partir dos quatro, cinco anos, os garotos já têm as condições cognitivas necessárias, desde que supervisionados à distância pelos adultos. Não ofereceria um, mas se houvesse em casa disponibilizaria. “As crianças precisam de brincadeiras hostis”, frisa, citando o psiquiatra e pedagogo João dos Santos. “São atividades simbólicas. Provocar a morte para dar significado à vida. Andar à bulha, por exemplo, é profundamente educativo — desde que seja a brincar.” Depois, o uso destes instrumentos trará outros benefícios a nível do desenvolvimento neurológico, motor e perceptivo. “Quem diz um canivete diz um pincel. Mas um é considerado muito perigoso e o outro criativo. Quando na nossa ancestralidade ambos eram igualmente importantes.”

Dizem os psicólogos que cada criança tem o seu talento. O do meu filho, além de cair, será a capacidade para insistir sem desistir. Por exemplo, há meses, talvez anos, que insiste para ter um *tablet*. “Posso um *tablet*?” Há amigos que têm *tablets*, familiares que têm *tablets*, durante o confinamento até a escola e a socialização de muitos passou a ser via *tablet*. Com a data do sétimo aniversário a aproximar-se, formulou, triunfante: “Mãe, já sei o que quero de presente, um *tablet*!”

Professor desde 1976, Carlos Neto, 69 anos, tem vindo a alertar para a imposição daquilo que apelida “pandemia do medo”. Na sua opinião, “o pior vírus que está aí”

Numa altura em que se teme uma recessão global, o mercado dos *tablets* para crianças deverá não só escapar incólume mas sair mais forte. Prevê-se que em 2025 atinja os 32 mil milhões de dólares americanos, mais do triplo dos 9 mil milhões de 2018. Os dados são da empresa de estudos de mercado Market Research Future, que elenca uma série de argumentos, incluindo: “As crianças passam mais tempo em dispositivos móveis do que em atividades ao ar livre.” Com o cenário de pandemia, junta-se a fome à vontade de comer. Por outro lado, multiplicam-se os alertas sobre os perigos do uso excessivo deste tipo de aparelho, desde a saúde física à saúde mental. Fala-se em problemas de concentração e de relação, obesidade e sedentarismo. O documentário da Netflix “O Dilema das Redes Sociais” fez-nos perceber que já somos todos pelo menos um bocadinho dependentes e que as crianças e adolescentes estão entre os mais vulneráveis.

Por alguma razão, que talvez se resuma à força do hábito ou à simples estupidez, a ideia de um *tablet* não me deixou tão alerta como a de um canivete. E não deixa de ser curioso que, por mais que puxe pela cabeça, na oferta infindável de jogos e brinquedos para crianças, que se multiplica ainda mais por altura do Natal, não me lembre de alguma vez ter visto uma faca de bolso. Para compensar, *tablets* e outros dispositivos eletrónicos são às dezenas. Vale-nos o Google, sempre solícito. Não só percebemos que não estamos sozinhos na inquietação, como recebemos de imediato uma lista dos melhores canivetes para miúdos (“Top 5 para 2020”). Há opções em madeira, com lâmina romba e os clássicos suíços da Victorinox. Nenhum traz supervisão incluída.

“Não podemos ser fundamentalistas em relação ao uso das novas ferramentas digitais”, defende Carlos Neto. “As crianças têm de ser crianças pesquisadoras que, quando é preciso, vão ao computador buscar conhecimento. Mas temos de controlar o tempo que passam em frente aos ecrãs. Hoje, a partir do segundo ciclo, estão totalmente dependentes.” O psicólogo Eduardo Sá vai mais longe: “É altura de dizermos que há aqui interesses obscuros, que põem em causa a liberdade, que fazem com que miúdos — adolescentes, então, de forma inquietante — entre séries, YouTube e TikTok, estejam sempre agarrados ao telemóvel.” E avisa: “À boleia da covid, há escolas a pedir às crianças pequenas que levem telemóveis para que fiquem ali em isolamento.” Um cenário de dependência tolerado e até aceite por pais assustados, com medo de exercer autoridade. “Não é dizer ‘não’ na versão gelatina Royal; é dizer ‘não’ de forma clara”, explica. “No dia depois de amanhã tudo isto vai ter consequências dramáticas.”

Autor de livros como “Más Maneiras de Sermos Bons Pais” (Lua de Papel), Eduardo Sá, 58 anos, fala em adultos “ingénuos”, “distráidos”, que “vivem num mundo que já não existe”. Os mesmos que não deixam os filhos andar sozinhos na rua, mas não se preocupam se andam sozinhos nas redes sociais. Que estão preocupados com bulhas e canivetes, mas são *enablers* de videojogos com eventuais consequências desorganizadoras do comportamento. Que querem saber quem são os amigos com quem os miúdos vão lanchar, mas pouco se interessam pelos “amigos” com quem interagem *online*. “São dois pesos e duas medidas”, diz. “Já perdi a conta aos miúdos abordados em *chats* por desconhecidos. Há uma estranha condescendência em relação à forma como tudo isto acontece.” Para concluir: “Face aos riscos disto tudo, a lâmina de um canivete é uma brincadeira de crianças.”

À insistência no *tablet*, o meu filho juntou a menção diária do canivete. Foi por isso uma tarde feliz aquela em que eu lhe estendi uma navalhinha preta resgatada de uma caixa de tesouros esquecidos. Carlos Neto acusa a sociedade moderna de ter apagado a infância da memória. Eduardo Sá arrisca que uma das razões para termos tanto medo pelos nossos filhos é termos nós próprios corrido mais riscos do que os nossos pais imaginam. Já a ciência explica que nunca nos lembramos de um acontecimento tal e qual o percecionámos; estamos sempre a reescrevê-lo, que é como quem diz a reinterpretá-lo. Nestes caminhos intrincados da memória, em que umas coisas ganham peso a mais enquanto outras se evaporam, os objetos acabam por ter uma estranha gravidade. Nenhum dos artefactos que reencontrei naquela caixa de sapatos me pareceu tão extraordinário como me lembrava. Mas o conjunto resulta impressionante. Quão diferente, de facto, foi crescer nos anos 80 face ao deslumbre tecnológico do século XXI. Quanto ao canivete, precisava de ser afiado.

Sentado no chão da cozinha, com gestos largos e seguros, sempre para longe do corpo, o meu filho de quase sete anos entreteve-se a descascar um tronco que tinha trazido do relvado. Autointitulou-se, não Tom Sawyer, mas “ninja do canivete.” Quis saber se havia profissões em que se usassem ferramentas daquelas. Pouco depois já era “o amigo da paz”. Porque tudo o que queria fazer com aquela faca era descascar paus. E tinha uma ideia. Ou melhor, um pedido: “Mãe, no meu dia de anos os meus amigos podem brincar com o canivete?” Mas aí já havia uma resposta bem clara e na ponta da língua: “Não.”

PARA O NATAL, DE PRESENTE, EU QUERO QUE SEJA

Contra “o consumo exagerado de brinquedos pré-fabricados”, o especialista em motricidade infantil Carlos Neto clama uma oportunidade para os “brinquedos simples”. Se este Natal lhe coubesse oferecer um presente às crianças, “a primeira coisa seriam umas galochas e um kispito, para andarem à chuva”. As outras opções parecem saídas dos anos 70 e 80: corda de saltar, bola, patins, arco (*hoola hoop*), trotinete. Depois, brinquedos de construção e jogos de tabuleiro. “Brincar é ser ativo, para serem cidadãos ativos”, defende. “Trabalhar em grupo, resolver problemas que a natureza nos apresenta, são esses os grandes desafios do mundo do futuro, que é incerto.” / **J.S.V.**